

Texto revisto e
autorizado para
publicação em 3 de
agosto de 2007.

ANA MARIA ARAÚJO FREIRE

Ana Maria Araújo Freire (Nita), nasceu em Recife (PE), em 13 de novembro de 1933. Filha de educadores, casou-se, em 1988, em segundas núpcias, com Paulo Freire. É mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Seus livros individuais publicados no Brasil são: **Paulo Freire: uma história de vida**. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006; **Nita e Paulo: crônicas de amor**, São Paulo, Editora Olho d'Água, 1998; **Analfabetismo no Brasil**, 3ª edição, São Paulo, Editora Cortez, 2001; **Centenário de nascimento**: Aluizio Pessoa de Araújo, Recife, Editora do Autor, 1997, e, **Centenário de nascimento de Francisca de Albuquerque Araújo – Genove -**, São Paulo: Roteiro, 2002. Tem artigos e ensaios publicados em livros e revistas especializadas de várias partes do mundo.

Desde 1997, como sucessora legal da obra de Paulo Freire, vem organizando e fazendo publicar seus livros inéditos e traduzindo a sua obra escrita, a partir de 1988, para o espanhol e diversas línguas da Europa e do Oriente.

Na entrevista a seguir, concedida por Nita em 19 de junho deste ano para a mestre em História e Filosofia da Educação, Giane Maria de Souza e ao jornalista João Francisco de Borba, ela declara seu amor fraterno e acadêmico ao marido, faz uma defesa sem limites

de sua obra e é sincera, na crítica, ao dizer que “a academia muitas vezes parte e fica no mesmo lugar, isto é, não cria, tem medo da curiosidade e da invenção”.

Contrapontos - A professora está inserida em alguma instituição ou está coordenando alguma atividade de resgate da memória do educador Paulo Freire?

Nita Freire - Não, eu não estou inserida em nenhuma instituição, mas como fui nomeada por Paulo como a sucessora legal de sua obra, trabalho todos os dias em torno disso. Assim, venho cumprindo o seu desejo expresso em testamento. Antes, eu já vinha colaborando com a obra de Paulo, mas agora essa é minha tarefa. Minha gostosa obrigação! Você pode verificar que após a sua morte as obras foram organizadas e publicadas por mim. Inclusive, também lhes dei os títulos. Há uma série de livros, que começou com **Pedagogia da Indignação**, livro que Paulo não teve tempo de terminar. Depois se seguiu a **Pedagogia dos Sonhos Possíveis** – uma coletânea de textos, cartas, entrevistas e conferências e, por último, a **Pedagogia da Tolerância** – também desta forma: coletando e dando unidade à trabalhos esparsos dele. Todos os três publicados na Série Paulo Freire, da Editora Unesp. Esse terceiro livro, **Pedagogia da Tolerância**, foi publicado em 2005 e em 2006 ele recebeu o Prêmio Jabuti de Educação, que foi conferido a Paulo e a mim.

Paulo foi muito generoso como pessoa e muito generoso em escrever e distribuir suas coisas, seus escritos. Alguns escritos eu os tinha, outros eu recuperei de pessoas que sabem que só eu posso publicar textos dele, então, enviaram-me, e, felizmente, os pude transformar em livros.

Eu também escrevi dois livros sobre meu marido. O primeiro é **Nita e Paulo**: crônicas de amor e o outro é uma biografia muito longa, muito extensa, a mais completa que pude fazer com amorosidade e seriedade, **Paulo Freire**: uma história de vida (Indaiatuba: Villa das Letras, 2006). Esse é um livro que me tomou sete anos, no qual eu resgato coisas da minha memória, das minhas pesquisas, dos documentos que eu tenho. Portanto, eu comecei desde o início da vida de Paulo, do Livro do Bebê que a mãe dele

escreveu. Em suma, neste livro resgatei a história da vida dele toda: do nascimento até a sua morte.

Quando eu conheci Paulo eu tinha três anos de idade e fui amiga dele desde muito criança, pois ele tinha uma proximidade muito grande com a minha primeira família. Ele foi aluno do meu pai (no Colégio Oswaldo Cruz, em Recife), desta maneira, eu acompanhei a vida dele desde aí até ele começar a despontar na cena nacional, ir para o exílio.... Eu fui acompanhando o trabalho dele a distância. Mesmo durante os dezesseis anos de exílio, eu o encontrei em um almoço em Genebra. Depois ele voltou para São Paulo (tornou-se professor da PUC/SP). Nessa época, eu fiquei viúva e ele foi meu orientador da dissertação. Onze meses depois ele também ficou viúvo. Foi aí que “mudamos a natureza das nossas relações”, como ele dizia: nos casamos.

Eu fiquei falando aí um pouquinho da linha da vida porque é isso que está na obra que eu escrevi **Paulo Freire**: uma história de vida, “fugindo”, aparentemente, de sua pergunta. Acrescento: nele eu falo sobre as qualidades e virtudes de Paulo. Eu relato como ele escrevia. Fiz uma lista enorme das homenagens que ele recebeu. Paulo tem seu nome em mais de 300 escolas pelo Brasil. Recebeu em vida 34 títulos de Doutor *Honoris Causa*, eu mais cinco, são 39, e mais quatro título honoríficos, no total 43 títulos acadêmicos honoríficos. Estarei recebendo, muito provavelmente, no dia 19 de setembro desse ano, dia em que Paulo completaria 86 anos – o seu título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de São Paulo (USP). Veja que coisa, só depois de sua morte a USP, que resistia em reconhecer Paulo como o maior educador do Brasil, o vai contemplar com este título...Muitos anos depois das Universidade de Barcelona e de Bolonha (nas festividades dos 900 anos de sua fundação) e de muitas outras universidades importantes do mundo e do Brasil. E isso, devo reconhecer e declarar, por um trabalho de Lisete Arelaro, professora da USP, perante seus pares. O que importa agora é que ele vai ser contemplado e eu estou muito contente por isso. Acho que ele está feliz só em saber disso....

Ainda sobre o que venho fazendo para o resgate histórico de Paulo ou para sua perpetuação como filósofo da educação, estou também

organizando outros livros com textos dele para publicação em 2007 e 2008, todos, muito possivelmente pela Villa das Letras Editora. Trabalho no **Meus registros de educador**, a partir das fichas de suas anotações. São fichas de idéias, fichas de leitura, fichas de entrevistas, fichas dos seminários, dos cursos que ele dava no Chile. Então, esse material é um acervo muito importante, muito didático. Paulo sempre dizia: “Olha, é preciso fichar. É preciso ter disciplina no trabalho. É preciso registrar para mostrar a outros educadores o processo pelo qual nós fazemos as coisas”. Este livro está bem dentro dessa idéia dele mesmo.

Trabalho também no **Pedagogia da solidariedade** em colaboração com Walter de Oliveira e com contribuições minha, dele e de Henry Giroux e Donaldo Macedo. Trabalho, ainda, um outro livro que chamo, brincando, de “o livro do Mercosul”, porque ainda não dei título e porque nele reúno conferências, entrevistas e seminários de Paulo na Argentina, no Chile, no Paraguai e no Uruguai.

Em síntese, é isso que eu faço pela memória de Paulo. Trabalho muito em sua literatura e ainda faço conferências no Brasil e pelo mundo. Enfim, me cabe a parte melhor de Paulo enquanto homem público, que não está mais entre nós: ser a sucessora dele, nomeada por ele mesmo. Viver o patrimônio de amor e trabalho que ele me legou.

Contrapontos - A senhora acredita que há muita apropriação indevida do nome Paulo Freire?

Nita Freire - Eu considero que sim. Eu acho que todos os grandes homens sofrem isso. Uma vez conversando com intelectuais de outro países sul-americanos, eles me disseram: “O grupo que se apropriou do nome do nosso grande poeta é um grupo que a gente acha que não tem seriedade”. A gente sabe que na França, um de seus grandes psiquiatras, têm o seu espólio apropriado por quem não de direito. Eu acho que isso acontece também com Paulo. Muitas vezes me surpreendo com um certo cinismo (desculpe-me usar tão forte expressão) de pessoas dizendo isto ou aquilo sobre seu convívio com Paulo, narrando coisas que teria feito com Paulo... sem nunca o ter visto.... ou pouco o ter visto e com ele nunca trabalhado! Muita

gente se julga “dono ou dona” de Paulo quando, na verdade, ele não é de ninguém por pertencimento. Ele foi meu marido, muitíssimo me amou, fui o seu “objeto de amor primário” dele por muitos anos, mas nem por isto o julgo ou considero uma “peça minha”.

Contrapontos - No contexto atual, Paulo Freire é um clássico na educação brasileira, um dos maiores educadores. Com suas obras sobre as pedagogias ele foi singular na formulação do seu pensamento...

Nita Freire - Eu estou a cada dia mais convicta de que Paulo é o grande pensador brasileiro e que Paulo é o maior pedagogo de toda a história desse país. Eu ouvi, no México, recentemente, o filósofo Henrique Dussel dizer que os dois grandes pedagogos da história da humanidade foram Rousseau e Paulo Freire. E Paulo foi adiante porque ele não tratou a pedagogia como uma coisa a partir de um ser criado em sua imaginação, que é o Emílio. Não, Paulo partiu da dor, da miséria, da alegria, do espanto, do interesse, da curiosidade das pessoas concretas, no mundo, nas suas vidas cotidianas, reais. Sem idealismo.

Eu acho que a obra de Paulo é realmente uma coisa incomum no meio intelectual, incomum no meio acadêmico. Os filósofos quase tão somente se preocupam em resgatar o que os outros filósofos foram dizendo desde Sócrates e Platão. Paulo leu todos esses filósofos, outros tantos mais, e sociólogos, educadores, psicólogos, psicolingüistas, que tinham obras publicadas. Não digo que ele leu tudo, mas ele leu grande parte da obra consagrada como clássica e mais do que as clássicas, e aí ele fez uma obra absolutamente genuína, autenticamente brasileira, nascida da miséria, do analfabetismo, da negação da vida, dos homens e das mulheres pobres e miseráveis do Recife, de Pernambuco. Paulo não se preocupou em fazer a crítica dessa ou daquela idéia, e isso é pouco comum. Por isso, que as universidades, como no caso a USP, relutam tanto em reconhecer a grandeza de Paulo, não só a grandeza dele como homem, mas a grandeza das idéias dele, das obras dele. Por quê? Porque ele partiu do senso comum, da intuição, da questão popular, dos sentimentos e das emoções e superou-os, formulando

uma teoria educacional. Portanto, as idéias de Paulo partiram da concretude das coisas, da relação dialética entre os sujeitos e a objetividade histórica. Os sujeitos oprimidos e explorados e a objetividade da história, portanto, das relações e das condições que determinamos e fazemos no nosso construir histórico brasileiro. E a academia, muitas vezes, parte e fica no mesmo lugar, isto é, não cria, tem medo da curiosidade e da invenção.

Contrapontos - No exílio, Paulo Freire escreveu o seu clássico *Pedagogia do oprimido*, tratando de questões que a professora apontou anteriormente. Paulo Freire costumava afirmar que a educação não era pedagogia, mas, sobretudo, um ato político. De que forma o engajamento dele com os movimentos sociais, nessa relação com o homem popular, do saber do senso comum, determinou a proposta política de voltar à educação para a libertação do oprimido, e de libertar o homem desse processo histórico opressor? E que outros sujeitos influenciaram essa perspectiva freireana?

Nita Freire - Realmente **Pedagogia do oprimido** é um clássico, é um divisor de águas. A compreensão de mundo de muitos intelectuais foi antes e depois da **Pedagogia do Oprimido**. Agora, nós não podemos também ficar pensando que Paulo é somente a **Pedagogia do oprimido**, que ele escreveu em 1968. Paulo continuou crescendo em radicalidade e profundidade, com idéias e abordagens cada vez mais amplas e mais profundas, mais elucidativas. Ficou com uma linguagem mais acessível e mais bonita. A **Pedagogia da autonomia**, publicado em 1997, vai completar agora em setembro um milhão de exemplares vendidos. Isso é uma coisa absolutamente inusitada no Brasil e, possivelmente, no mundo. Dificilmente um educador vendeu tanto um só livro. Eu gostaria que os leitores de Paulo ampliassem essa capacidade de leitura para outros livros. A **Pedagogia da Autonomia** é uma obra-prima e, por isso, ele é também um clássico, que foi escrito há onze anos, publicado há dez anos e cada dia é mais vendido. Eu acho que toda obra de Paulo é clássica por causa disso. Uma obra que não é modismo, mas que traz coisas novas. Ele foi desvelando obviedades por toda a sua vida.

Paulo foi o pedagogo do óbvio. Ele afirmava coisas simples, óbvias, que ninguém tinha até então percebido. Hoje algumas pessoas

dizem, desavisadamente: “Mas isso é óbvio”. É óbvio, mas ninguém tinha dito, nem pensado antes dele. Uma das maiores obviedades que Paulo proclamou foi: “O analfabeto é analfabeto da palavra escrita...e como a gente sabe sempre mais aquilo que a gente já sabe...devemos alfabetizar a partir das palavras que o alfabetizando já conhece”. O método de alfabetização parte das “palavras geradoras”, daquelas que são da realidade concreta da vida dos alfabetizados e alfabetizadores.

Quero aproveitar essa ocasião para falar que Paulo não foi o criador apenas de um “método de alfabetização”. Muita gente vem dizendo isso. Até mesmo gente que se diz freireano. Eu até digo que existe os freirianos e os freireanos. Eu me considero freireana, era a forma como ele mesmo achava que deveria ser, portanto, repudio esse amesquinçamento do pensamento de Paulo. Quem diz que Paulo foi o criador de um método de alfabetização, o reduz, o diminui, o minimiza. Inclusive, sua compreensão libertária, problematizadora de educação não é uma coisa com prescrições a seguir, andando em cima de um trilho como um trem, que não pode parar e que tem as suas etapas pré-determinadas. Não foi isso que Paulo fez. Um método, vamos dizer, talvez, grosseiramente seja isso que eu descrevi. Paulo criou uma compreensão de educação, uma epistemologia, humanista e libertadora, dentro da qual ele percebeu que homens e mulheres que construíram a existência humana por milhares e milhares de anos, construíram no esforço cotidiano histórico - fazendo a história e a história os fazendo – e nesse fazer-se, nessa relação dialética se construindo com a criação da linguagem escrita e, portanto, isso é parte constituinte do ser humano, é uma parte ontológica do ser humano. Portanto, quem não domina a linguagem escrita é porque lhes foi roubado uma parte do seu ser, da sua natureza humana. É por isso que Paulo vai se debruçar e criar, a partir desta percepção, dessa constatação (óbvia), o que a gente pode chamar de um método de alfabetização. Mas esse método não é o que caracteriza Paulo. O que caracteriza o pensamento de Paulo é uma epistemologia, uma teoria educacional ético-crítico-política ou, como ele dizia com humildade, uma certa compreensão crítica da educação.

Quero chamar atenção para uma afirmativa sua ao me fazer esta pergunta: **“Paulo Freire costumava afirmar que a educação não era pedagogia, mas, sobretudo, um ato político”**. Isso não é bem o que ele dizia. Para lhe sermos fiel, deveremos dizer que ele afirmava que a educação **não é só** um ato pedagógico, mas também um ato político. Que a natureza da educação é política, daí ter falado tanto na **politicidade** da educação.

Contrapontos - Sobre essa questão do método, a que a professora se referiu, existem para Freire três etapas para o processo de aprendizagem de jovens e adultos: a primeira é a investigação, a segunda é a tematização e a terceira a problematização. Paulo Freire objetivava, com essa compreensão que resultou no método, o homem enquanto sujeito histórico consciente da sua existência. Como a educação revela-se hoje uma ferramenta imprescindível para a apropriação do conhecimento nessa relação educador/educando ou alfabetizador/alfabetizando?

Nita Freire - Quando Paulo escrevia, todo mundo dizia: isso é uma coisa óbvia, repito. É óbvio, mas ninguém tinha dito que tem que partir do que se sabe para se saber mais, também repito. Daí a investigação nos Círculos de Cultura nas quais psicólogos, psicolingüístas, educadores de um modo geral, anotavam as palavras que eram de valor pragmático, as palavras usadas pela comunidade que ia ser alfabetizada¹. Depois se levavam essas palavras para os laboratórios de lingüísticas, se selecionavam no máximo vinte delas, se verificava se continham todas as letras do alfabeto e se organizavam essas palavras das pequenas para as maiores dificuldades fonêmicas. Estas eram, então, as “palavras geradoras”. Apresentava-se aos alfabetizando essas palavras, problematizando-as. Exemplificando: tijolo – que foi a palavra mais famosa porque foi uma palavra de Brasília, uma cidade em construção. Estas “palavras geradoras”, na verdade, são temas geradores, porque tijolo era uma palavra que dava possibilidade de discutir o tema da construção, o envolvimento do trabalhador na construção. Discutir: “O que eu faço na construção? O que eu represento nesta cidade? Na construção de meu país? Eu me aproprio da construção que eu faço? Qual é a minha participação, minha presença nela depois do meu trabalho?” etc. etc.

Quando se colocava a “palavra geradora” na frente dos e das alfabetizandos (as), colocava-se a palavra escrita e o objeto, fosse ele objeto mesmo ou fosse uma projeção de slides com desenhos ou fotografias ou qualquer outro meio. Então, se dizia: O que é isso? Um Tijolo. Todos eles em Brasília reconheciam, pois eles eram, em grande parte, os candangos, os construtores da cidade, da nossa nova capital, e eram, na sua grande maioria, nordestinos. Então se apresentava o objeto concreto tijolo e depois a palavra escrita, a representação gráfica do objeto concreto a ser conhecido em sua forma abstrata. Depois se tirava o objeto e ficava somente a palavra.

Perguntava-se: “Como que a gente fala tijolo?”

“Em três partes: TI – JO – LO”

Essas eram ditas como as três partes porque não se dizia ainda serem sílabas. Mas cada pedaço desse tem uma família, dizia o animador: o TI tem a família do TA TE TI TO TU , o JO tem a família do JA JE JI JO JU e o LO tem a família do LA LE LI LO LU. E, depois, em um outro momento, colocavam-se essas famílias fonêmicas juntas, ditas como a “ficha de descoberta”. Então, a partir daí, eles, os alfabetizandos, poderiam ler e formar palavras que fossem do seu contexto, que fossem temas geradores de sua vida. Abria-se, portanto, a possibilidade da conscientização, porque o processo de alfabetização sob os princípios de Paulo sempre tiveram em mente a conscientização. Não era para se decorar mecanicamente as sílabas, um simples blá-blá-blá, como Paulo dizia. As palavras eram para serem entendidas em função das suas vidas, da conscientização de sua condição na sociedade, da possibilidade de fazer-se a imersão a que estavam submetidas num mundo de miséria e de pouco saber. O processo era este, uma coisa inovadora - que num estado pré-revolucionário no qual nós vivíamos, entre 1960 e 1964 - criava uma grande força de contestação das camadas populares.

Foi nesta época, em 1963, que Paulo Freire fez a experiência em Angicos e foi por causa disso que o presidente João Goulart esteve lá e o ministro Paulo de Tarso o convidou para fazer o Programa Nacional de Alfabetização. Então, se diz muito que em Angicos se alfabetizava em quarenta horas. Paulo nunca disse que alfabetizava

em quarenta horas. Isso é um slogan que se criou a partir de uma reportagem jornalística: “Angicos quarenta graus, quarenta horas”. A alfabetização em quarenta horas, como se difundiu, é mitificação, é um desvirtuamento. Como a época era de um período de efervescência política pré-revolucionária, que acreditava que o Brasil ia fazer uma revolução mais à esquerda do vinha sendo sempre ou à esquerda do que sempre conhecíamos na história, difundiu-se que era possível alfabetizar-se em quarenta horas. Na verdade, esse foi o tempo que se levou para que os e as alfabetizados (as) se apropriassem do mecanismo da articulação das sílabas na formação de outras palavras. Palavras que tinham envolvimento com o questionamento que a sociedade fazia naquele momento histórico e social sobre nosso passado colonial e sob a tutela do capitalismo imperialista. Ademais, a problematização da situação real da vida dos alfabetizados (as) tanto quanto a relação dialógica e amorosa entre educador/educando ou alfabetizador/alfabetizado, eram questões fundamentais para o trabalho educativo freireano. O que se revelava como problema para essas comunidades deveria ser discutido nos círculos de cultura. A apreensão da realidade e do mecanismo de formação das palavras, a conscientização em torno dessas duas coisas foi alcançada, de modo geral, dentro das quarentas horas. Mas, a alfabetização dependia do que Paulo chamava de pós-alfabetização. Era e é preciso aperfeiçoar essas apreensões para saber realmente ler um texto. Entender o que lê e escrever novos textos, alfabetizar-se, de fato.

Em suma, o pensamento de Paulo e toda a sua práxis por mais quase 60 anos foi para que todo homem e toda mulher fossem (sejam) sujeitos conscientes de suas existências, de sua autonomia, sujeitos históricos participantes de suas sociedades e não apenas objetos dela.

Hoje, mais do que naqueles anos, a educação (em todos os âmbitos em que ela se dá e não só na escola) representa uma ferramenta imprescindível para a apropriação do conhecimento, para se ser um ser com o mundo, que assim o pode transformá-lo para melhor, mas também que o qualifica ou deveria qualificar para o mundo do trabalho cada dia demandante do uso diário das tecnologias.

Contrapontos - Seria não somente um método mecânico de apropriação da escrita, mas uma provocação para a leitura do mundo, a tomada de consciência...

Nita Freire - Isso mesmo. É essa conscientização a partir do diálogo, do diálogo amoroso, autêntico, que assim só pode ser um diálogo horizontal, nunca vertical. Como a nossa sociedade vinha sendo milenarmente autoritária, discriminadora e elitista, assim, portanto, era a nossa educação. Na educação bancária, o professor sabe tudo e deposita, mecanicamente, na cabeça do aluno/a que não sabe nada o que ele sabe. Não, Paulo propõe uma educação que a partir e dentro de sua compreensão maior, humanística e libertária, as pessoas saíssem/saiam da condição de “demitidos da vida”. E para sair dessa condição, era necessário esse diálogo para se ir desvelando a realidade. Por isso, o “Método Paulo Freire” não é um método acético, neutro. Não é um método necrófilo, é um método que cria vida, que cria expectativa de participação como sujeito na vida da comunidade, do país, dos que até então estavam analfabetos/as.

Contrapontos - É aquela história de que para se aprender a ler, basta estar debaixo da sombra de uma mangueira?

Nita Freire - Ele escreveu este livro **À sombra dessa mangueira**, porque ele aprendeu a ler debaixo de uma mangueira. Ele aprendeu a escrever as primeiras palavras com a mãe dele, com os pequenos garranchos, com os gravetos das mangueiras, que tanto amava, da casa aonde morava, no Recife. Quando adulto, considerava a sua sala de estudos uma mangueira frondosa onde, sob sua sombra, se sentia acolhido, em paz para pensar e filosofar. Para ler e escrever. Mas, advirto: para se aprender a ler e escrever não basta estar debaixo de uma mangueira...

Contrapontos - Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que é uma perspectiva revolucionária, porque o homem apreende o método a partir da sua realidade, do seu contexto histórico ele toma o conhecimento, se apropria daquela técnica para aprender a ler...

Nita Freire - A compreensão de educação de Paulo é revolucionária, sim. Seu “método” de alfabetização é também revolucionário, é muito mais do que uma técnica para ler mecanicamente as letras,

palavras e frases, como já disse anteriormente. É revolucionário porque educandos (as) se apropriam do saber porque eles conseguem apreender, desvelar e aprender aquilo que ele precisa saber, porque, na verdade, as pessoas precisam não é saber por saber. Precisam saber para ser mais gente, para serem mais. É revolucionário porque para Paulo o educador não é aquele que sabe tudo. É aquele que ao ensinar aprende. É aquele que ao estar aprendendo ensina a quem está lhe ensinando. É revolucionário porque abra as possibilidades de superação das condições e das relações de opressão nas quais vivem as camadas mais baixas de nossa sociedade.

Contrapontos - Qual a avaliação da professora da forma como foi criada e implantada a Educação de Jovens e Adultos? Já que o método do Paulo Freire é visto como o ponto de partida desse programa.

Nita Freire - Muita gente diz que parte das idéias de Paulo. Até o Mobral ousou dizer isso, mesmo que o condenando e abominando. Para se ser fiel e recriar como Paulo pedia: “Não me sigam, não me repitam, me recriem”, é preciso que os seus princípios básicos sejam respeitados. Acho que existe muita coisa da teoria de Paulo que não é respeitada, mesmo pelos MOVAS, que foi uma forma nova de educação de jovens e adultos que Paulo concebeu quando foi Secretário de Educação do município de São Paulo. Concebeu-a como uma coisa que tinha que ser dialética, que desse concretude ao seu pensamento libertário. Assim, as comunidades que queriam se alfabetizar, solicitavam à Secretaria Municipal de Educação de São Paulo um curso em sua área. Não era aquilo de a secretaria ir lá e dizer: vocês são obrigados e vão aprender a ler. Foi e continua devendo ser uma coisa que parte da necessidade, da aspiração e da vontade de grupos que queiram ler e escrever a palavra e o mundo. Na secretaria encontravam o respaldo econômico para pagar os monitores, que eram pessoas das comunidades deles. Estes, então, deveriam ser formados por educadores ou educadoras da rede municipal para melhor ensinar nas suas comunidades. Portanto, eram líderes, escolhidos entre eles, e o critério era esse. Obviamente, tinha que saber ler e escrever, e um pouco a mais do somente isso. O que a gente vê hoje são MOVAS que têm instituições, Ongs que

chegam às comunidades e dizem: “Nós viemos aqui para fazer a alfabetização de vocês”. Logo de princípio se nega o diálogo dialético com a comunidade. Negam o que é o princípio, a idéia básica do que é um movimento para a alfabetização de jovens e adultos, como Paulo a concebeu em 1989 e 1990.

Contrapontos - Sobre a questão da escola pública. Paulo Freire é muito referenciado na formação dos professores das escolas públicas. A idéia do professor criativo, que aprende no processo de formação com o educando. Como se encontra hoje a escola pública, será que ela se difere muito de quando o Paulo Freire escreveu sobre ela?

Nita Freire - É uma questão complicada. Porque a educação pública, para melhorar, precisa de políticas públicas que dêem autonomia à escola, que tenham como princípio maior a formação do educador. A gente vê que nos últimos quarenta anos, desde o período militar, começou-se a descuidar da formação do educador. E, veja, Paulo lutava pela formação do educador desde 1947, quando ele foi diretor do Departamento de Educação do SESI.

Hoje é senso comum que o professor/a precisa ter uma formação continuada, pois o conhecimento tanto quanto os valores das sociedades mudam, são historicamente contextualizadas. Ela e ele têm que ter uma formação política, ética, pedagógica, ideológica, dos conteúdos que ensina, e uma formação didática adequados para o tempo e o lugar onde atuam. Os educadores e educadoras têm que saber aquilo que eles vão ensinar e como, para quê, por quê, contra quê e contra quem vão ensinar. Em qualquer nível, âmbito ou esfera, quer da escola pública ou privada.

A formação do professor e a questão salarial para Paulo eram os pontos básicos, pontos de partida para uma boa educação escolar. Os professores ganham muito pouco por uma tarefa que é fundamental para as vidas pessoal e social de cada um de nós e de nosso país. Paulo dizia que se a educação não transforma, se ela não é o motor de transformação da sociedade, sem a educação a sociedade não se transforma. Se a gente quer uma sociedade mais justa, melhor, mais bonita, com êxitos na produção de bens de consumo e culturais que possam ser distribuídos a todos, então

há de se ter melhores salários e uma melhor formação dos educadores e educadoras. Para que o país possa ir gerando sua própria riqueza cada vez mais. Saindo da condição de subserviência e exploração dos “donos do mundo”.

Contrapontos - O que a professora acha dos planos nacionais como o Fundo Nacional da Educação Básica (Fundeb) e o Plano de Desenvolvimento Nacional (PDE)? Será possível vislumbrar uma mudança na educação pública no país?

Nita Freire - Possível sempre é. Agora, é preciso que se leve muito a sério os planos e planejamentos de qualquer área que seja. É preciso aperfeiçoar os mecanismos do Fundo e do Plano. Não pode ser um plano que se tem que se seguir rigidamente. Ele tem que ter a sua diretriz, mas tem que ter flexibilidade, para novas inserções, para mudanças necessárias no seu processo. Existe neles, pelo que vi, pelo que entendo, uma vontade política por parte das autoridades do MEC para melhorar a nossa educação. Queira Deus que realmente haja consistência na prática educativa, que traduza com eficiência essa vontade política para deixarmos-nos, pelo menos, enquanto brasileiros e brasileiras, ao nível da educação que se dá na América Latina. Nós temos poucos anos na escola, um índice altíssimo de repetência e de muito abandono escolar.

A escola atualmente não é como os alunos gostariam que ela fosse, pois ela não responde àquilo que as crianças têm curiosidade de saber, que precisam saber. Grande parte de nossas escolas ainda permanecem alienadas da realidade sempre mutante. Suas diretoras ou diretores recebem “pacotes prontos”, que a professora sem formação tem que adotar, porque ela não tem outra maneira de trabalhar, com independência, com autonomia. Geram-se conflitos muitas vezes sem solução. Os conflitos são bons, mas há que superá-los, para a gente fazer uma educação de qualidade, para uma qualidade de vida melhor. A educação serve para isso, para que a gente tenha uma vida melhor, mais prazerosa, mais alegre e feliz, uma vida com menos exploração e opressões. Enfim, para que a gente possa ler o mundo mais criticamente e, assim, possamos transformar a sociedade para nosso bem, para o bem de todos e de todas.

Contrapontos - Aconteceu na Universidade Estadual de Campinas, no mês de maio, a apresentação de pós-doutorado de um pesquisador cubano, Eduardo Freyre. Ele fez um estudo na PUC/SP, na USP, Unesp e Unicamp sobre as dissertações e teses de doutorado nas décadas de 1980 e 1990, no que se refere às epistemologias e teorias da educação na perspectiva da hermenêutica. E houve uma constatação de que Paulo Freire é o único brasileiro que é objeto de estudo na maior parte das dissertações e teses investigadas. Há uma curiosidade acadêmica muito grande sobre a obra de Paulo Freire?

Nita Freire - Paulo escreveu livros clássicos, eminentemente humanistas e libertários, radicais e com visão de totalidade, então, dificilmente serão superados. Paulo Freire só vai ser superado quando não existir mais oprimidos e oprimidas no mundo. Como estamos muito distantes disso, infelizmente, a obra de Paulo é aquela que pode e ilumina vários campos do saber e da pesquisa para o saber e para um mundo mais comprometido, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Paulo é conhecido não só nessas universidades que você mencionou, mas nas do mundo inteiro. As obras dele estão na China, na Coreia, no Japão, na Indonésia, no Paquistão, na Rússia, além de em toda a Europa e América Latina. Paulo é muito estudado na academia, mas ele é muito mais bem visto, mais bem quisto, mais querido e mais estudado nos movimentos populares. Ele é o que dá sustentação aos movimentos populares, à educação popular. Por fim, me alegro que tenham tantas referências assim a Paulo. Esse é um estudo que eu não fiz nesse meu livro sobre ele. Na 2ª edição do **Paulo Freire: uma história de vida**, certamente terei que fazer esse levantamento: quantas dissertações, quantas teses sobre Paulo Freire, sobre a atuação dele na Secretaria de Educação de São Paulo, sobre suas práxis e influências na África, na Europa e nas Américas e, mais particularmente, no Brasil.

Contrapontos - O MST trabalha nas escolas dentro dos assentamentos com a perspectiva freireana de educação...

Nita Freire - Eles têm como filosofia o pensamento teórico e prático de Paulo. Meu marido os aplaudia quando conquistaram alguns latifúndios improdutivos, mas ele não aplaudia que entrassem em uma repartição pública, no escritório do Incra, em qualquer lugar

público ou privado e quebrassem tudo.... entrar na usina do Itucuruí e se sentirem como donos daquilo. Acho que essas ações não cabem na construção de um estado democrático de direito. Numa educação sob a perspectiva freireana. Existe, algumas vezes, talvez poucas vezes, algum exagero por parte de alguns participantes do MST, mas a gente sabe que eles fazem um trabalho importantíssimo de contradição ao poder estabelecido. Poder exacerbado e injusto estabelecido, aliás, nesse país há mais de quinhentos anos. O MST é, sem dúvida alguma, um movimento organizado, que tem consistência, que tem força, que tem amorosidade pelo mundo e pelas pessoas, que tem resistência necessária às mudanças políticas e sociais de nosso país. Mas a ocupação da terra é uma coisa, quebrar escritórios públicos ou entrar na casa de um senhor de engenho, dono de uma fazenda, e destruir a casa e os pertences dele é outra coisa. Paulo não aplaudiria isso, nunca aplaudiu.

Contrapontos - Paulo Freire é conhecido pelo mundo. Universidades, movimentos sociais e instituições lhe conferem homenagens. Homenagear Paulo Freire nesses dez anos de sua ausência significa um posicionamento político, levando-se em conta o contexto internacional e nacional pelo qual passamos?

Nita Freire - Dois anos atrás eu fui sondada por uma agremiação que tem o nome de Paulo, na Alemanha, se eu daria assistência a eles, porque eles tinham feito uma proposta para a Comunidade Européia, para que a obra de Paulo fosse difundida em pelo menos dezesseis países dessa Comunidade. Postergaram para 2006. Até agora, não tive resposta. Acho pouco provável que consigam implementar esse projeto, pois tinham a intenção de começar pela Alemanha, um país com um povo muito conservador, de modo geral. Assim, um país muito difícil de se romper barreiras estabelecidas, pois o Estado Alemão determina como e o quê se ensina em todas as suas instituições educativas. Examina e aprova ou não os livros e tudo o que se lê e o que se ensina em seu território. Um Estado muito austero e muito fechado às idéias novas.

Deve parecer a eles hoje, como pareceu aqui no Brasil nos anos 50 e 60 do século passado, uma proposta subversiva, por causa do seu

caráter político libertário. Mas é uma prova da valorização da academia alemã pelas idéias, pela obra de Paulo. Por estes dez anos de sua ausência participei de homenagens a ele na Câmara Federal, no Senado, em fóruns, congressos e seminários e eventos os mais diversos no Brasil. Em março estive no México e em outubro irei à Grécia para mais uma homenagem a ele.

Contrapontos - E no Brasil, o governo brasileiro e o Ministério da Educação fizeram alguma proposta de assessoria política, de implantação das idéias, das obras nas escolas públicas?

Nita Freire - Eu disse há pouco tempo a uma autoridade do Ministério da Educação, que eu não sei como é que se fala que o MEC proclama que tem uma proposta freireana, se dos livros de Paulo que eu tenho direito nunca nenhum deles foi vendido para o governo federal, para a distribuição em escolas, para serem lidos por alunos/as ou para a formação dos professores/as. Paulo é o maior pensador brasileiro, o maior pedagogo desse país em toda a sua história. Isso é, pois, no mínimo, uma contradição.

Eu disse nesse mês de maio ao ministro da educação, que sinto que o Estado brasileiro não me respeita, nem como uma intelectual voltada à educação progressista de nosso país, e nem enquanto a sucessora da obra e viúva de Paulo Freire. Ele não concordou comigo! Eu não sou viúva para ir lá ou a qualquer lugar do mundo para apenas descerrar uma placa, cortar uma faixa ou tirar o velcro ou paninho verde-amarelo que encobre uma fotografia de Paulo. Não é isso que eu faço, me nego a fazer apenas isso. Eu sou doutora em educação e eu recebi de Paulo o legado de continuar a obra dele. E eu acho que nesse sentido eu tenho sido desrespeitada pelo Estado brasileiro. Respondendo à sua pergunta: eu nunca fui convidada para dar um parecer no MEC e dizer isso é freireano mesmo ou isso nega a essência da teoria dele.

Contrapontos - A Unesp está reeditando as obras de Freire...

Nita Freire - Tem livros de Paulo publicados pela Paz e Terra, pela Olho d'água. **Política e educação** vai sair pela Editora Villa das Letras que é a editora na qual eu publiquei o livro sobre Paulo, a biografia dele que já citei. Tem a Vozes, que publicou dois livros

muito bonitos de Paulo – os chamados “livros falados”: um com Adriano Nogueira e outro com um extraordinário homem, militante progressista norte-americano Myles Horton. Pretendo publicar, muito brevemente, a **Pedagogia da solidariedade, Meus Registros de educador**, e um outro com textos falados em outros países da América Latina pela Villa das Letras, como anunciei no início desta entrevista.

A maioria dos livros de Paulo está na Paz e Terra ou na Editora da Unesp. A Unesp particularmente está homenageando Paulo, reeditando as obras dele **Pedagogia da Indignação, Pedagogia dos Sonhos Possíveis e Pedagogia da Tolerância** e um livro que organizei quando fui professora da Cátedra Paulo Freire, da PUC/SP, **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**, todos dentro da “Série Paulo Freire”, que eu propus e com muita alegria faço com eles. Estamos cogitando a re-publicação, em co-edição com a Villa das Letras, do **Nita e Paulo: crônicas de amor**. Acho que ele é um livro muito lindo, pleno de meu enorme amor a Paulo, e penso que vai ficar melhor ainda, pois devo refazer essas crônicas, acrescentar outras e algumas cartas de Paulo para mim.

Contrapontos - E qual a homenagem que Recife faz a Paulo Freire?

Nita Freire - Paulo amou Recife como se fosse a grande amante dele. Tem uma poesia belíssima que é *Recife amada*, que eu reproduzo no meu livro sobre ele, na biografia. Agora, eu acho que a recíproca não é verdadeira. Existe um Centro de Estudos Paulo Freire, ligado a UFPE, que eu soube fez homenagens especiais a ele em maio passado. Alguns jornais e revistas nacionais também o lembraram como um homem importante deste país nos dez anos de partida de Paulo. Mas, foi o **Diário de Pernambuco** que dedicou dez páginas por esses dez anos sem Paulo – me entrevistaram por mais de duas horas por telefone, cedi fotografias, conversaram com intelectuais e várias pessoas amigas dele que o rememoraram também com sentimentos de alegria e tristeza -, e publicaram tudo no Caderno Educação, de maio deste ano. Enfim, houve, realmente, sobretudo por este jornal, uma homenagem importante a Paulo, no Recife.

Mas, por parte do poder estabelecido de Recife ou Pernambuco não houve nada. Se houve nem fui convidada nem ouvi falar sobre

isso. Paulo é nome de rua na África e de 31 ruas no Brasil; tem mais de 300 escolas com o seu nome (uma delas no Recife); tem estátua de corpo inteiro dele, ao lado de mais seis pessoas que lutaram contra a opressão, num centro esportivo de Estocolmo; um busto numa praça da Universidade em El Salvador; mais um numa praça da Universidade de Chapman, Califórnia, nos Estados Unidos, e outras mais por aí, e sequer tem uma rua com o nome dele no Recife. Já cobrei diretamente ao prefeito de Recife, que é do PT, partido que Paulo ajudou a fundar, que lhe deu consistência, que lhe deu respeitabilidade, mas, até hoje, somente esta escola, que acho muito pouco, na cidade onde nasceu e tanto amou. Eu acho isso senão uma ingratidão ou afronta, um descuido que não posso entender, pois, a obra de Paulo nasceu do Recife, da sua recifencidade. Ela não seria o que é caso ele não tivesse nascido lá e, creio, que isso deveria ser reconhecido pelos poderes públicos locais.

Nota

¹ Sobre este assunto seria interessante o leitor ou leitora lerem o Capítulo 12, na Parte IV, pp 331 a 347, do livro de Ana Maria Araújo Freire, Paulo Freire: uma história de Vida Indaiatuba: Villa das Letras, 2006.